



*Boa-noite*

*bordado da ilha do ferro*



*Boa-noite: bordado da ilha do ferro*



Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular  
Iphan / Ministério da Cultura

**Ministério da Cultura**  
Ministro: Juca Ferreira  
**Programa Mais Cultura**

**REALIZAÇÃO**

**Associação de Amigos do Museu de  
Folclore Edison Carneiro**  
Presidente: Lygia Segala

**Instituto do Patrimônio Histórico e  
Artístico Nacional**  
Presidente: Luiz Fernando de Almeida

**Departamento de Patrimônio Imaterial**  
Diretora: Márcia Sant'Anna

**Centro Nacional de Folclore e  
Cultura Popular**  
Diretora: Claudia Marcia Ferreira

**PARCERIA INSTITUCIONAL E  
APOIO FINANCEIRO**

**Banco Nacional de Desenvolvimento  
Econômico e Social**  
Presidente: Luciano Coutinho

**Programa de Promoção do Artesanato  
de Tradição Cultural - Promoart**  
Coordenação técnica: Luciana Carvalho  
Coordenação administrativa: Elizabete Vicari

**Polo Bordado Boa-noite da Ilha do Ferro  
(Pão de Açúcar/AL)**

**PARCERIA**

Superintendência do Iphan em Alagoas  
Mário Aloisio Barreto Melo

**APOIO**

Coordenadoria Municipal de Turismo e  
Comunicação de Pão de Açúcar  
Hélio Fialho

apoio local

Coordenadoria Municipal  
de Turismo e Comunicação  
de Pão de Açúcar

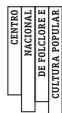
parceria regional

Superintendência do  
Iphan em Alagoas

parceria institucional  
e apoio financeiro



realização



## Sala do Artista Popular

### RESPONSÁVEL

Ricardo Gomes Lima

### EQUIPE DE PROMOÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Magnum Moreira, Marylia Dias e Sandra Pires

### PESQUISA E TEXTO

Patrícia Azevedo

### PRODUÇÃO/PROMOART

Isabela Argollo

### EDIÇÃO E REVISÃO DE TEXTOS

Lucila Silva Telles

### DIAGRAMAÇÃO

Maria Rita Horta e Lígia Melges

### FOTOGRAFIAS

Maíra Villela

### PROJETO DE MONTAGEM E

### PRODUÇÃO DA MOSTRA

Luiz Carlos Ferreira

### PRODUÇÃO DE TRILHA SONORA

Alexandre Coelho

---

B662	<p>Boa-noite : bordados da Ilha de Ferro / pesquisa e texto de Patrícia Azevedo. – Rio de Janeiro : IPHAN, CNFCP, 2010.</p> <p>32 p. : il. – (Sala do Artista Popular ; n. 158). ISSN 1414-3755</p> <p>Catálogo da exposição realizada no período de 15 de abril a 23 de maio de 2010.</p> <p>1. Bordado – Maceió. 2. Arte Popular – Maceió. 3. Pão de Açúcar – Maceió. I. Azevedo, Patrícia, org. II. Série.</p>
	CDU 746.3(813.5)

---

A Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/CNFCP, criada em maio de 1983, tem por objetivo constituir-se como espaço para a difusão da arte popular, trazendo ao público objetos que, por seu significado simbólico, tecnologia de confecção ou matéria-prima empregada, são testemunho do viver e fazer das camadas populares. Nela, os artistas expõem seus trabalhos, estipulando livremente o preço e explicando as técnicas envolvidas na confecção. Toda exposição é precedida de pesquisa que situa o artesanato em seu meio sociocultural, mostrando as relações de sua produção com o grupo no qual se insere.

Os artistas apresentam temáticas diversas, trabalhando matérias-primas e técnicas distintas. A exposição propicia ao público não apenas a oportunidade de adquirir objetos, mas, principalmente, a de entrar em contato com realidades muitas vezes pouco familiares ou desconhecidas.

Em decorrência dessa divulgação e do contato direto com o público, criam-se oportunidades de expansão de mercado para os artistas, participando estes mais efetivamente do processo de valorização e comercialização de sua produção.

O CNFCP, além da realização da pesquisa etnográfica e de documentação fotográfica, coloca à disposição dos interessados o espaço da exposição e produz convites e catálogos, providenciando, ainda, divulgação na imprensa e pró-labore aos artistas no caso de demonstração de técnicas e atendimento ao público.

São realizadas entre oito e dez exposições por ano, cabendo a cada mostra um período de cerca de um mês de duração.

A SAP procura também alcançar abrangência nacional, recebendo artistas das várias unidades da Federação. Nesse sentido, ciente do importante papel das entidades culturais estaduais, municipais e particulares, o CNFCP busca com elas maior integração, partilhando, em cada mostra, as tarefas necessárias a sua realização.

Uma comissão de técnicos, responsável pelo projeto, recebe e seleciona as solicitações encaminhadas à Sala do Artista Popular, por parte dos artesãos ou instituições interessadas em participar das mostras.



O Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural – Promoart tem como foco o artesanato brasileiro de tradição cultural, ou seja, aquele que vem sendo produzido ao longo do tempo por diferentes grupos sociais e que tem como marca distintiva o profundo enraizamento na cultura local. Seu objetivo é, por meio do apoio direto aos grupos, promover o desenvolvimento desse setor da cultura e da economia brasileira, que, apesar de rico, permanece ainda pouco reconhecido e valorizado.

Estruturado a partir de um convênio entre a Associação Cultural de Amigos do Museu de Folclore Edison Carneiro e o Ministério da Cultura, integra o Programa Mais Cultura e realiza-se sob gestão conceitual e metodológica direta do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/ Departamento de Patrimônio Imaterial/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, com a participação do Museu do Índio/Funai no que tange a grupos indígenas. Em todo seu escopo, conta com a parceria institucional e o apoio financeiro do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDES, e, nos planos regional e local, articula parceiros públicos, das esferas municipais e estaduais, e privados, além de organizações sociais.

Em sua fase de implantação, o programa abrange 65 polos distribuídos em todas as regiões do Brasil, os quais foram selecionados por especialistas dentre mais de 150 opções, tendo em vista a importância cultural e a alta qualidade de seu artesanato, além da variedade de

tipologias e técnicas envolvidas em sua produção. Ao longo de um ano, pretende beneficiar comunidades artesanais com investimentos diretos nas esferas de produção, comercialização e agregação de valor a produtos do artesanato brasileiro de tradição cultural.

Em diferentes estágios de organização, tais polos serão estratégicos para o estabelecimento das bases de uma política nacional de artesanato, a partir da qual o universo de abrangência do programa poderá ser progressivamente ampliado. Respeitando-se suas singularidades, em cada polo se desenvolverá um projeto específico, um plano de trabalho formulado com a participação de técnicos e artesãos, a partir de diagnósticos detalhados de suas potencialidades e necessidades, e da proposição conjunta de ações em busca da sustentabilidade econômica e social do artesanato.

**LUIZ FERNANDO DE ALMEIDA**  
Presidente do Iphan



## O bordado boa-noite da Ilha do Ferro

PATRICIA AZEVEDO

A Ilha do Ferro é um povoado que pertence ao município de Pão de Açúcar, localizado às margens do Rio São Francisco, no sertão alagoano, a cerca de 240km de Maceió.

O pitoresco município fundado em 1854, e hoje com população de 24.534 habitantes (IBGE 2000), acumulou ao longo de sua história muitas peculiaridades, que o tornaram bastante especial. Pão de Açúcar possui rico patrimônio cultural, perpetuado por gerações, que engloba artesanato, casario colonial, culinária regional, festas populares e folclóricas lendas urbanas, nas quais figuram lobisomem e um fantasma que empurra um pneu. O fantasma quiçá pode ter sido um dos cangaceiros do bando de Lampião, que morreu em uma gruta a poucos quilômetros do município.

A cidade foi batizada com o mesmo nome do famoso atrativo carioca, ainda na época colonial, quando a região era conhecida por seus tradicionais engenhos de açúcar. Nos engenhos daquela época havia a moenda – onde se extraía

a garapa; as caldeiras de cobre – onde a garapa era fervida; o tendal das forças – onde era endurecida; e a casa de purgar, onde se finalizava o processo de purificação do açúcar. Nesta última existia uma forma comumente usada para limpar e clarear o açúcar. Como o morro Cavalete, ali localizado, assemelha-se àquela forma conhecida por todo lugar, foi denominado “Pão de Açúcar”. Os Urumari, antigos habitantes daquela área, chamavam-na “Jaciobá”, palavra de origem tupi-guarani que significa “espelho da lua”, numa poética alusão ao reflexo do satélite nas águas correntes do São Francisco.

As coincidências com a Cidade do Rio de Janeiro não param por aí. Em Pão de Açúcar também existe o monumento do Cristo Redentor, estátua erguida em 1950, pelas mãos do artista João Lisboa, natural da cidade. Construída em cimento





armado, no alto do morro do Cavalete, o mesmo morro que, com sua forma, inspirou o nome da cidade, a estátua alcança 12,8 metros de altura e pesa cerca de 40 toneladas. Do alto, além do esplendoroso pôr do sol, podem-se avistar todos os bairros da cidade, inclusive o povoado da Ilha do Ferro, distante 18km. Outra semelhança com o Rio de Janeiro é a cidade vizinha de Niterói que, embora pertencente ao Estado de Sergipe, localiza-se na margem esquerda do São Francisco, bem em frente a Pão de Açúcar. Para se chegar a Niterói deve-se tomar um barco, pois ainda não existe ponte.

Pão de Açúcar se desenvolveu ao longo do rio São Francisco, em uma região denominada “Cânions do São Francisco”, e suas principais atividades econômicas estão na área de comércio e serviços, na agricultura, na pecuária mista, na pesca artesanal e no turismo. Pesquisadores da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) confirmaram e mapearam vários sítios arqueológicos localizados na Serra dos Meirus, na Pedra do Navio, na Pedra do Alemar e em outras regiões do município. Na estrada e nas trilhas de acesso à Ilha do Ferro, encontrou-se rico material paleontológico e lítico, exposto ao longo de algumas propriedades.

Nesses locais foram encontradas inscrições, pinturas

rupestres, fósseis de animais e objetos pré-históricos. Transformados em pontos turísticos, os sítios atraem a atenção de visitantes e estudiosos. Atualmente a biblioteca pública do município reúne rico acervo de paleontologia.

Outro destaque é o conjunto de bancos de areia que se formam no leito do rio, conhecidos como “prainhas”. Recebem, além dos pão-de-açucarenses, muitos turistas no final de semana, vindos, sobretudo, de municípios vizinhos dos estados de Alagoas, Bahia e Sergipe. Naquele trecho, as águas do Velho Chico são calmas, claras, cheias de peixes e muito convidativas ao banho, que pode amenizar o calor do sertão alagoano. A média da temperatura anual é de 30 graus, mas no verão pode passar dos 40. Fora os meses com maior incidência de chuva, entre março e julho, Pão de Açúcar é ensolarada e conhecida como uma das cidades mais quentes de Alagoas.

O casario colonial típico do sertão nordestino, com frontispício baixo em formato retangular ou quadrado, com telhas de cerâmica, caracteriza a paisagem urbana. Na orla ou nas ruas internas as casas coloridas abrigam, além de moradias, bares e restaurantes, onde é possível se encontrar a famosa pituzada, prato típico local, ou saborear um assado ou guisado de bode. O baião de dois, preparado com queijo

coalho, ou a galinha caipira ao molho pardo, a carne de sol e o peixe surubim também fazem parte da culinária pão-de-açucarenses e estão presentes nos cardápios dos restaurantes, nas celebrações familiares ou ocasiões festivas.

Uma das festividades mais importantes celebradas no município é a Festa de Bom Jesus dos Navegantes – conhecida também na região como Festa de Reis –, considerada um dos maiores eventos turísticos, culturais e religiosos do interior de Alagoas. Pão de Açúcar fica em festa por quatro dias, sendo o ponto culminante o segundo domingo do mês de janeiro. A programação dessa festa tradicional é extensa e engloba desde torneios esportivos (futebol *society*, futevôlei, futebol de campo, provas ciclísticas, corrida de jumento, maratona, prova de natação, prova de remo, corrida de canoa), até eventos religiosos (missas, carreatas e bênçãos dos carros, e a procissão fluvial do Bom Jesus dos Navegantes).

A Banda Musical Guarani, formada por músicos locais, e as apresentações de grupos folclóricos, no coreto, retratam as tradições e costumes do povo ribeirinho. Bebidas, comidas típicas e o artesanato local, como o bordado boa-noite da Ilha do Ferro, são comercializados em barracas localizadas na orla. Segundo estimativas do Departamento de Turismo



e Cultura, a festa atrai todos os anos uma média de 25 mil pessoas, durante os quatro dias. Número maior do que a população e capaz de dinamizar a economia local em todos os seus setores.

Quanto às lendas e boatos, a mais famosa é a do Lobisomem. Alguns moradores asseguram que à noite um bicho muito grande, peludo e de olhos vermelhos, ronda as ruas da cidade assombrando pedestres desavisados. Contam também a história de um pneu de carro que sai “desembestado”, sozinho, atropelando o que vê pela frente...

A despeito das histórias de assombração, Pão de Açúcar não inspira medo em ninguém. Em sua única delegacia, as ocorrências não costumam ser graves, geralmente motivadas por brigas entre cidadãos alcoolizados ou pequenos furtos. O clima quente favorece a socialização nos espaços públicos e a população é hospitaleira. Existem hotéis e pequenas pousadas. Durante a noite os moradores costumam sentar-se nas calçadas para papear, enquanto as crianças se divertem correndo, andando de bicicleta ou jogando futebol, esporte popular também entre os adultos. Pelas ruas de paralelepípedos, além das vans que transportam passageiros para municípios vizinhos e para a capital, é possível se deparar com cavalos e charretes, além de enormes sapos.



#### **BREVE HISTÓRIA DO MUNICÍPIO**

##### **JACIOBÁ – O ESPELHO DA LUA**

No início do processo de colonização, por volta de 1610, a poderosa Casa da Torre da Bahia<sup>1</sup>, da família Dias d'Ávila, era a proprietária de grande parte do território que deu origem ao município. Porém, por não assinalarem sua

posse, foram os Urumari, provenientes da Serra do Aracaré, em Sergipe, os primeiros a povoarem aquelas terras. Com o aval do rei de Portugal Dom João IV, que lhes doou quatro léguas de terra, os índios se apossaram da gleba e a denominaram Jaciobá – que em tupi-guarani significa “o espelho da lua”.

Os Urumari, porém, não mantiveram aquele território por muito tempo. Os Xocó, que viviam na Ilha de São Pedro, invadiram o local, venceram-nos e os expulsaram. Muitos anos depois, por volta de 1660, por Carta de Sesmaria, as terras passaram para o domínio do português Lourenço José de Brito Correia, que construiu a fazenda Pão de Açúcar e implantou a criação de gado. A fazenda trocou de proprietários muitas vezes, ao longo da história, até que, em 1815, foi arrematada em leilão pelo padre José Rodrigues Delgado e seus irmãos, o capitão Salvador Rodrigues Delgado e Inácio Rodrigues Delgado. A partir daí, o progresso da fazenda, da região e seu consequente povoamento foram impulsionados e o desenvolvimento do núcleo habitacional determinou sua elevação à categoria de vila pela Lei nº 233, de 3 de março de 1854<sup>2</sup>.

Dois dos episódios ainda marcantes na história de Pão de Açúcar, lembrados e comentados até os dias de hoje

por seus moradores, foram a morte de Lampião e de Maria Bonita, numa gruta próxima ao município, e a ilustre visita do imperador do Brasil D. Pedro II.

Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, sofreu emboscada e morreu na gruta de Angicos, que fica no município de Poço Redondo, em Sergipe, situado entre Pão de Açúcar e Piranhas. Na primeira metade do século 20, o temido cangaceiro com seu bando, que reunia cerca de 200 homens, assombrava o Sertão. Por muitos anos vagaram pelas terras ao redor do município, repletas de grutas e cavernas perfeitas para esconderijos, cometendo todo tipo de crime. Os cangaceiros assaltavam fazendas e povoados, porém nunca invadiram Pão de Açúcar.

Lampião e mais dez cangaceiros, inclusive Maria Bonita, foram mortos na madrugada do dia 28 de julho de 1938, na gruta de Angicos, pela volante de soldados alagoanos comandada pelo Capitão João Bezerra.

O outro episódio marcante, na memória das diferentes gerações de pão-de-açucarenses, remete à viagem do imperador Dom Pedro II à cachoeira de Paulo Afonso. O monarca visitou Pão de Açúcar entre os dias 17 e 22 de outubro de 1859. Em seu diário registrou elogios à vila e também descreveu sua chegada:

*Cheguei por volta das 8 da manhã a Pão de Açúcar. Receberam-me com muito entusiasmo e um anjinho entregou-me a chave da vila. Defronte desta povoação há uma grande coroa de areia, que me cansou atravessar com a luz dos foguetes, que não têm faltado por todo o rio (...). No outro dia, acordei antes das 5, e pouco depois das 6 fui dar um passeio pela vila. A matriz é pequena, mas decente, só tem inteiramente pronta a capela-mor, o resto acha-se coberto. Há uma bela rua direita longa e muito larga, e outra perpendicular também direita, porém menos longa e larga. Só vi uma casa de sobrado, a da Câmara, onde me hospedei.<sup>3</sup>*

O sobrado onde pernitoou D. Pedro II encontra-se atualmente em reforma e irá abrigar o Museu do Paço Imperial. Em outubro de 2009, a ilustre visita do imperador completou 150 anos. As comemorações contaram com a presença do príncipe Dom João de Orleans e Bragança, herdeiro da família imperial, que refez a viagem de seu tataravô, chegando em Pão de Açúcar na mesma data. Tal qual o imperador, encontrou em sua chegada recepção calorosa, que mobilizou a população e autoridades locais, em celebração repleta de elementos cênicos capazes de atualizar o repertório de signos e significados pertencentes à memória e à história.





#### A PITORESCA ILHA DO FERRO

O Povoado da Ilha do Ferro está a 18km do Centro de Pão de Açúcar. Pode-se chegar até lá de carro ou de barco. Na primeira opção, recomendada apenas fora dos períodos de chuvas, a estrada de terra batida, ao longo da qual se escondem pinturas rupestres, é cercada pela vegetação de caatinga, onde os ipês amarelos florescem e destacam-se em meio à coloração verde-acinzentada de árvores com troncos rasteiros e ramificados. O barco, outra opção de acesso, parte



todos os dias do porto no centro da cidade e pode levar mais de uma hora para chegar ao povoado. Sobee lentamente o Rio São Francisco e com seu motor antigo alcança a velocidade máxima de 6km/h.

A chegada pelo São Francisco revela um pouco das imagens do cotidiano ribeirinho, com canoas e barcos parados ao longo do rio, redes de pesca, crianças brincando na água e roupas lavadas secando ao sol. Pela estrada, chega-se pelo alto e o que se tem de imediato é a bela vista do rio ao fundo. A Ilha do Ferro não é plana, é cheia de sobes e descas, e o São



Francisco pode ser avistado de muitos pontos: da rua principal, que reúne moradias, a igreja e pequeno comércio; das portas e janelas das casas espalhadas sobre as pequenas colinas e platôs; da pracinha com mirante e também da Cooperativa de Artesãs da Ilha do Ferro – Art Ilha, que fica em terreno levemente inclinado, mais abaixo e bem próximo à margem do rio.

Na Ilha do Ferro vivem cerca de 200 famílias, que se sustentam por meio da pesca artesanal, de atividades agrícolas e, sobretudo, do artesanato, que tem tradição no local e envolve homens e mulheres em diferentes saberes.





O artesanato, para o povoado, representa uma âncora para o desenvolvimento social em todos os seus aspectos: econômico, ambiental e cultural. O bordado boa-noite, produzido tradicionalmente por mulheres, e as esculturas e móveis de madeira que agregam os homens, também por diversas gerações, são, além de fontes de renda, elementos constituidores da identidade local. Tanto o bordado como as esculturas, talhadas em madeiras provenientes da região,

apresentam em sua estética referências peculiares à cultura local. Seja na forma que forja seres da natureza, nos talhos, nos traços, no desenho de pontos ou nos nomes, todo um conjunto de elementos enraizado naquela cultura vem à tona e ganha expressividade. O artesanato projeta a Ilha do Ferro para fora dos limites de Pão de Açúcar, conectando os artesãos a todas as regiões do Brasil e até do mundo. A troca de estímulos, envolvendo essa conexão, que também

passa pelo mundo virtual, alimenta e vitaliza o artesanato, permitindo a atualização dessa tradição cultural nas diversas esferas do cotidiano.

O saber fazer do artesanato se entrelaça em meio ao cotidiano de homens, mulheres, jovens, adultos ou idosos na Ilha do Ferro. Como as águas do Velho Chico, que nunca estão estagnadas, a tradição do artesanato se renova sem perder seu curso. A cada nova peça finalizada, garante-se a continuidade de um conjunto de técnicas tradicionais repassadas entre as gerações. Norteador por usos sustentáveis de matéria prima, o conjunto de saberes permanece totalmente adaptado aos ritos e afazeres domésticos, das esferas feminina e masculina.

A disseminação do conhecimento relativo ao saber fazer constitui-se como forte pilar da construção da vida social, capaz de revelar ao longo da história o talento e a habilidade de artesãos. Destacando-se individualmente, como seu Fernando Rodrigues, ou em grupo, como a Cooperativa Art Ilha, a preciosidade de detalhes e a riqueza encontradas nas peças produzidas por eles ilustram o viço da tradição.

Seu Fernando da Ilha do Ferro, falecido em 2009, foi reconhecido em vida como patrimônio vivo do Estado de Alagoas. O artesanato produzido por esse mestre teve a admiração de muitos visitantes – artistas, jornalistas, polí-



ticos e turistas – que chegaram ao povoado. As esculturas, os objetos, as cadeiras e as mesas, talhadas em madeira bruta, levavam inscrições, frases intempestivas ou frases “psicografadas” dos personagens que fizeram parte da história da Ilha do Ferro, como Lampião, o “Rei do Cangaço”.

tando vários “causos” transcorridos no povoado. As histórias passam por caçadas aventurasas e hilariantes, testemunhos sobre Lampião e seu bando, conversas de pescarias inimagináveis e tudo mais que seu Fernando, com perspicácia e sensibilidade, colheu em vida. Observando e escutando

Expostas em seu ateliê a céu aberto, ou em todos os cantos de sua casa, o conjunto da obra impressiona pela força expressiva. Representando tanto os seres da natureza por meio de bichos e plantas, como objetos significativos da memória e da história, as peças traduziram, sob suas formas, o imaginário coletivo do local. Para criar suas esculturas, utilizava pedaços de troncos de craibeira, mulugu e imburana, que encontrava abandonados na mata de caatinga que circunda a Ilha do Ferro.

Seu Fernando, embora iletrado, deixou ainda um curioso livro de contos. Com ajuda das filhas, que registraram no papel, organizou na memória uma coleção de contos, rela-

a mata, os pássaros, o rio, o céu, as nuvens, seus conterrâneos e todos os fatos e simbolismos marcantes da vida na Ilha do Ferro, seu Fernando garantiu, ainda em vida, seu lugar como atualizador da tradição cultural. Que não findou com sua morte aos 78 anos e ainda lúcido.

A Cooperativa Art Ilha, formada apenas por mulheres e também nas margens do São Francisco, que produz de maneira organizada e coletiva o bordado boa-noite, ilustra outro exemplo de revitalização do artesanato na cultura local. Há pelo menos três gerações as bordadeiras retomaram com força a arte de bordar, que chegara ao povoado ainda nos tempos da colonização. Referências em *sites*, em livros ou na memória dos moradores indicam que as primeiras bordadeiras da Ilha do Ferro aprenderam a técnica com as mulheres européias – holandesas e portuguesas – que habitaram na época colonial a região. A técnica, que



migrou da Europa, se desenvolveu, incorporando novos temas peculiares da natureza e do modo de vida ribeirinho do sertão.

#### O BORDADO BOA-NOITE E SUA RAIZ NA ILHA DO FERRO

Bordados e rendas são ofícios seculares, tradicionalmente empreendidos por mulheres, sobretudo por freiras na confecção de adornos eclesiásticos. Eram ensinados em



praticamente todos os conventos da Europa que, além das freiras, recebiam mulheres fidalgas e aquelas pertencentes às aristocracias. A educação das mulheres naquela época era baseada em ensinamentos tidos como necessários ao bom funcionamento do lar. Ensinavam-se alguns conhecimentos rudimentares da escrita e da leitura, bastante instrução religiosa e, sobretudo, a costura, os bordados e a renda. A esfera privada das casas de família era o destino contumaz das mulheres.

O que se conta na Ilha do Ferro é que as mulheres que lá viviam na época colonial, na maioria esposas de pescadores, repararam que os detalhes que adornavam a vestimenta das holandesas guardavam forte semelhança com as redes de pesca utilizadas por seus maridos. Observando bem os bordados nas roupas das estrangeiras, não tiveram dificuldades em assimilá-los e adaptá-los aos seus gostos, usos e cores.

Essa suposta origem do bordado boa-noite no povoado não exclui o fato de que na época colonial, sobretudo em Alagoas, existiam diversos engenhos, nos quais abastados senhoras e senhores compravam de Portugal, França e Itália roupas de cama e mesa que apresentavam bordados e rendas com técnicas e origens diferenciadas. Eram sinais de *status* e não faltavam em uma casa de engenho. Os bordados estavam

presentes também nos enxovais das moças da sociedade, que, muitas vezes, bordavam algumas peças de seu próprio enxoval. O capricho e a delicadeza, que caracterizavam um bom trabalho, eram também considerados importantes virtudes femininas.

Com a colonização, o bordado difunde-se amplamente no Brasil, entre as comunidades de pescadores e em todo o Nordeste. As primeiras bordadeiras encontraram inspiração na flora e na fauna locais, utilizando ao mesmo tempo motivos que vêm de épocas longínquas e distantes paragens. O bordado é um trabalho de ornamentação feito com agulha sobre tecido que lhe serve de suporte. Todo o trabalho, desde a retirada dos fios – da trama ou do urdume – do tecido, é considerado bordado, pois os fios que permanecem servem de suporte para a ornamentação.

A “renda de dedo”, ou redendê, corruptela da denominação de um ponto nórdico, *hardanger*, é herança portuguesa que se estabeleceu nas comunidades ribeirinhas do Rio São Francisco, provavelmente em torno do século 18. Com linha, agulha, bastidores, as mulheres bordam sobre o linho, criando desenhos geométricos com nomes variados. Para que surjam os desenhos, é necessária a contagem paciente dos pontos a partir dos fios do tecido. Depois de bordado,

o tecido de linho, preso em um bastidor, é então desconstruído com a ajuda de tesoura, que retira do centro do bordado as partes do linho que não foram cobertas pela linha. Esse processo acrescenta o vazado ao bordado e compõe assim o redendê.

As mulheres da Ilha do Ferro reiventaram o redendê, por meio de uma variação de pontos que incorporou elementos da natureza e da vida cotidiana do local. As flores nativas da região, especialmente a flor denominada “boa-noite”, serviram de inspiração para a feitura dos primeiros bordados, aplicados sobre os fios desfiados do linho, emprestando-lhe o nome.

Desde a invenção do boa-noite até os dias de hoje, muita história se passou. O bordado nunca desapareceu, porém sua produção não foi ininterrupta. As artesãs da Cooperativa Art Ilha vasculham a memória e remetem ao ano de 1945, quando dona Ernestina, já falecida, tornou-se a responsável pelo resgate e disseminação do boa-noite na Ilha do Ferro.



**O SABER FAZER DO BORDADO BOA-NOITE  
FAZERES E TÉCNICAS**

Na Ilha do Ferro, o bordado boa-noite faz parte de um saber tradicionalmente feminino. As mulheres aprendem a bordar, geralmente ainda crianças, com suas mães, tias e avós. Os primeiros bordados, embora sem a precisão neces-

sária dos pontos nas casas, costumam ser motivo de orgulho, comentados com alegria entre as amigas e os familiares.

A arte de bordar encontra brecha entre os afazeres domésticos, incluindo os cuidados com os filhos e a casa. Enquanto a criança faz o dever da escola, a mãe observa a tarefa bordando, e depois do jantar, quando a família se reúne em torno da televisão, a mãe continua bordando.



E assim ao longo do dia a atividade de bordar se embrenha pelo cotidiano. O bordado também rende assunto, um tipo de linha nova ou combinação de cores que ainda não havia sido usada é motivo para longa prosa.

Fora do universo particular de suas casas, as bordadeiras da Ilha do Ferro trabalham em grupo e sentadas em círculo. De suas cadeiras espalhadas pela sede da Art Ilha, só tiram o olho do bordado para avistar algum barco navegando o São Francisco, ou algum pássaro ou bicho que insista em visitá-las. Mesmo em meio a conversas, permanecem concentradas com os olhos fixos sobre o tecido.

Para bordar o boa-noite, precisam de bastidor, tecido, linha (as mais fortes para o acabamento e as mais finas para a feitura dos pontos), agulha e tesoura. O bastidor vem a ser o suporte de madeira levinha e circular no qual o tecido é esticado, permitindo que se tenha a base necessária para se começar a bordar.

O primeiro passo da técnica consiste em prender o tecido no bastidor, esticando-o de modo que fique sem nenhuma nervura. Em seguida, o minucioso trabalho de desfilar é feito com ajuda da agulha e sem nenhuma marcação, apenas na base do olho. As bordadeiras da Ilha do Ferro geralmente utilizam o linho puro ou a cambraia, que permitem maior

precisão na abertura de pequenos espaços circulares, obtidos com o desfilar, onde se desenvolverão os pontos.

Existem quatro tipos de pontos: o 'boa-noite simples', com uma linha no contorno; o 'boa-noite flor', com duas linhas no contorno; o 'boa-noite cheio', que é totalmente preenchido pela linha; e o 'boa-noite variado', que mantém um pequeno círculo no centro.

**COOPERATIVA ART ILHA**

A Cooperativa Art-Ilha existe há mais de dez anos e sua sede, nas mar-





gens do São Francisco, reúne mais de 40 mulheres de todas as idades. Atualmente é a maior responsável pela produção e comercialização dos artigos de cama, mesa e banho, que apresentam ricos detalhes feitos com o bordado.



A Art Ilha é presidida por Cintia Nascimento, que faz questão de enfatizar que os méritos e frutos colhidos pela cooperativa são de todas as artesãs. O lema da entidade é que a união entre as mulheres faz crescer a renda e a qualidade das peças. Não existe uma artesã que se destaque mais do que as outras; o trabalho de todas necessariamente tem que ter capricho e delicado cuidado de acabamento.

Além de fonte de renda para as famílias da Ilha do Ferro, o delicado bordado agrega as mulheres e compõe a identidade local. O trabalho empreendido pela Art-Ilha solidifica

as relações sociais (profissionais e afetivas) e o cooperativismo que existe em torno da atividade. A entidade normalmente trabalha sob encomenda, participa de feiras e eventos e já foi premiada pela qualidade de sua produção.

Seu objetivo é aumentar a produtividade, melhorar as condições de trabalho das mulheres e elevar a renda das famílias, que ainda não é alta no povoado. Ainda segundo Cintia, o grupo de artesãs organizadas busca estimular as mais jovens a ingressar na arte do bordado, para que a técnica continue chegando às futuras gerações cada vez com maior força e dignidade.

O patrimônio de um povo vai-se construindo ao longo do tempo, e com isso imprimindo-lhe marcas de identidade cultural muito próprias e específicas. Os bordados tradicionais não são exceção, uma vez que revelam a expressão de um povo em que as vivências e os valores são imperecíveis.

#### NOTAS

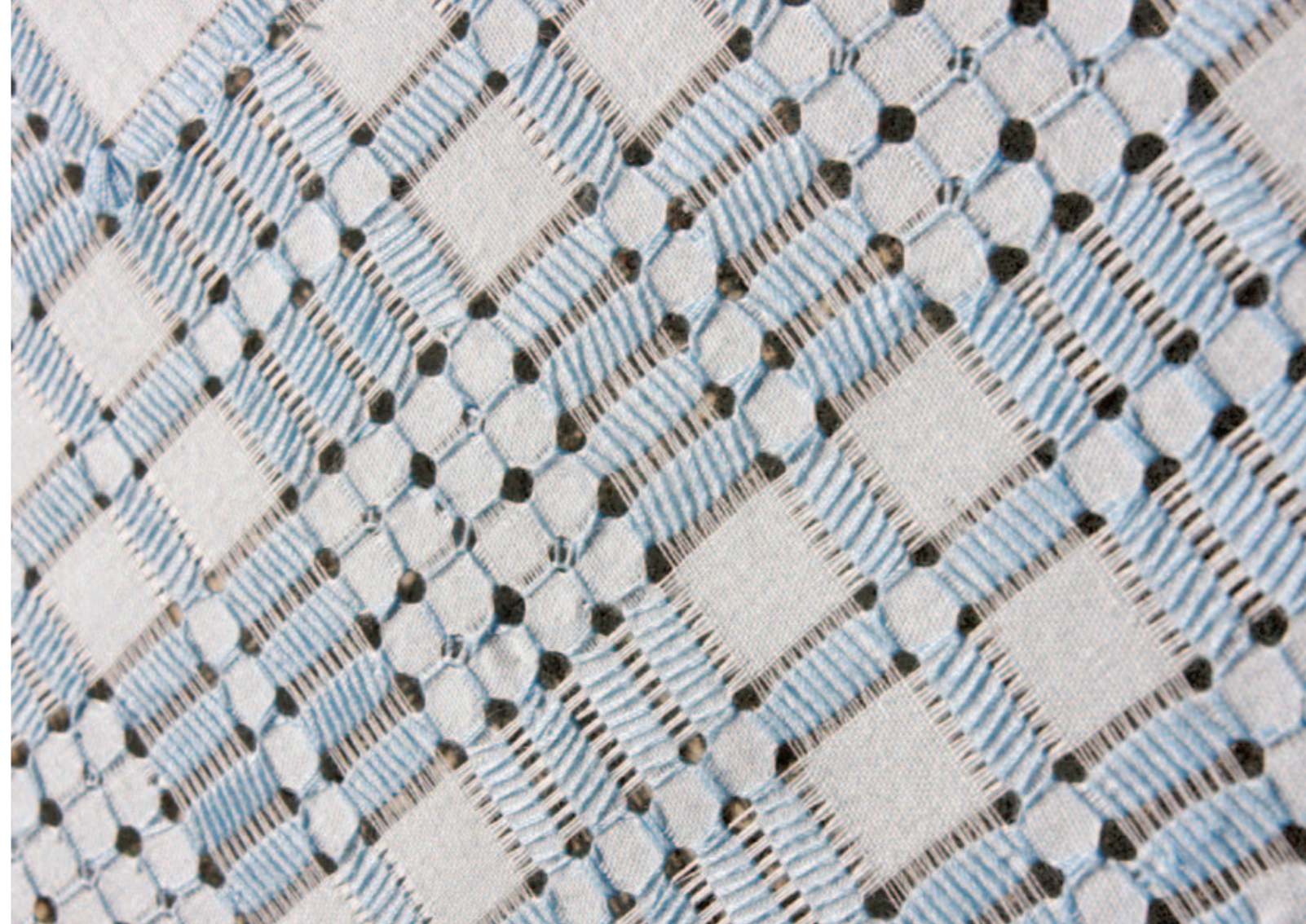
- 1 A Casa da Torre tem como suas origens Diogo Álvares Caramuru e sua mulher Catarina Álvares Caramuru (Catarina Paraguaçu), uma tupinambá batizada na França com o nome de Katherine du Brésil. Foi o embrião de um grande morgado no estilo feudal que se iniciou na Capitania da Bahia, no Brasil, ainda no século 16, e que, durante duzentos e cinquenta anos, só fez se expandir ao longo das gerações dos senhores da Casa da Torre pela quase totalidade do Nordeste brasileiro. Representou grande poder militar no período colonial. De 1798 em diante, esteve envolvida nas lutas pela Independência do Brasil de Portugal e teve muitos de seus membros agraciados com títulos de nobreza por Dom Pedro I e Dom Pedro II. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Casa\\_da\\_Torre](http://pt.wikipedia.org/wiki/Casa_da_Torre). [Acessado em fev. 2010]
- 2 Ver: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. [Acessado em fev. 2010]
- 3 Ver: Wikipedia enciclopédia livre: [http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A3o\\_de\\_A%C3%A7%C3%BAcar\\_\(Alagoas\)#Visita\\_do\\_Imperador](http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A3o_de_A%C3%A7%C3%BAcar_(Alagoas)#Visita_do_Imperador). [Acessado em fev. 2010]

#### BIBLIOGRAFIA

GAMA, Márcia; TORRES, Maria Helena. *Nísia Floresta: a arte do rendar*. Rio de Janeiro: Funarte; Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2001. (Sala do Artista Popular, 97).

RIBEIRO, Maria Guiomar D'Abreu Serra. *Salpicos da história dos aventais bordados de Buarcos*. Coimbra: Minerva, 1999.

SILVA, Alice Inês de Oliveira. *Rendas, babados, bilros e crochês: a construção social da mulher de prendas domésticas*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1985.



## CONTATOS PARA COMERCIALIZAÇÃO

### SALA DO ARTISTA POPULAR | CNFCP

Rua do Catete, 179 (metrô Catete)  
Rio de Janeiro – RJ cep 22220-000  
tel (21) 2285.0441 | 2285.0891  
fax (21) 2205.0090  
mercado.folclore@iphan.gov.br | www.cnfcp.gov.br

### COOPERATIVA ART ILHA

Povoado da Ilha do Ferro  
Pão de Açúcar – AL  
Telefone: (82) 3624-8013

apoio local

Coordenadoria Municipal  
de Turismo e Comunicação  
de Pão de Açúcar

parceria regional

Superintendência do  
Iphan em Alagoas

parceria institucional  
e apoio financeiro

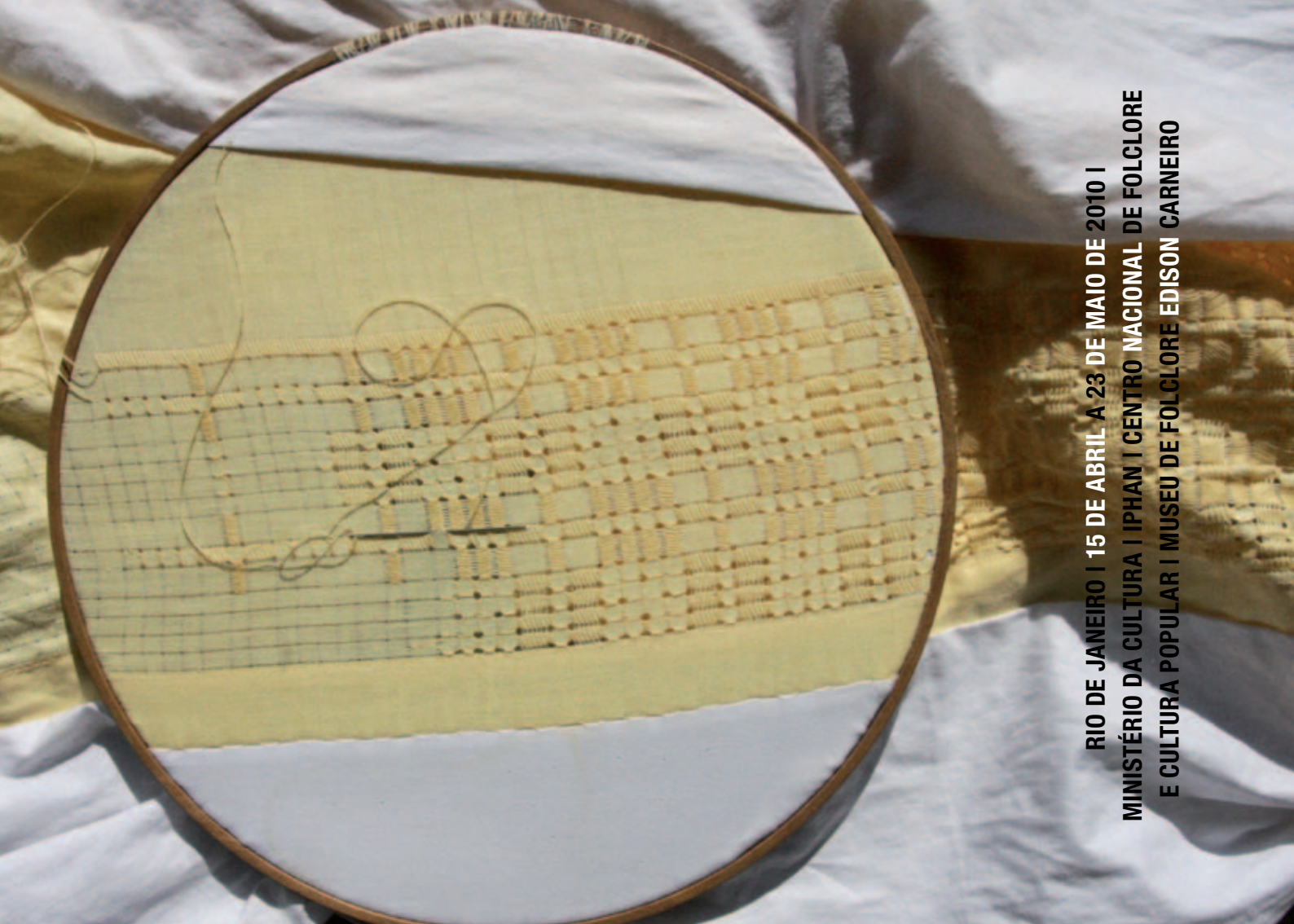


realização



Ministério  
da Cultura





**RIO DE JANEIRO | 15 DE ABRIL A 23 DE MAIO DE 2010 |  
MINISTÉRIO DA CULTURA | IPHAN | CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE  
E CULTURA POPULAR | MUSEU DE FOLCLORE EDISON CARNEIRO**